

Considerações topológicas da passagem do sintoma ao *sinthoma*¹

Conrado Ramos

Com o objetivo de formalizar algumas questões sobre o sintoma, apresento fragmentos clínicos de um caso, e em seguida a sua teorização.

Um analisante passou seus anos de decifração em torno da relação entre três questões: o que é ser um filho, o que é ser um pai, e como isso se articulava nos seus laços amorosos e de trabalho. Ele fazia de sua vida um *morrer de trabalhar* pelo que repetia o esforço, por um lado, de ser reconhecido e amado pelo pai cruel e insaciável que teve, e por outro lado, um meio de *fazer diferente* de seu pai, tomando por filhos aqueles implicados nos efeitos de seu trabalho. Morrer de trabalhar era um sintoma que atravessava a sua história significando suas posições, ora de filho, ora de pai. Durante anos tomou remédios psiquiátricos por estar sempre uma *pilha de nervos*. De tanto querer livrar-se desta situação, concluiu que foi por meio dela que se constituiu e que tentava fazer do *morrer de trabalhar* uma forma paradoxal de vida. Começou a referir-se ao trabalho como uma estranha satisfação que o fazia sentir-se *pilhado* (de *pilha*, *bateria*). *Pilhado*, significante que se repetiu em outro momento de sua análise, quando ele se dizia trabalhando sempre para o Outro, que o fazia sentir-se *pilhado* (isto é, *roubado*). No início do tratamento, ele fazia constantes referências à *pilha* de coisas que tinha para fazer, modo pelo qual apresentava, angustiado, o peso gigantesco de suas intermináveis tarefas. Mas eis que um dia veio a seguinte construção: “acho que não tenho como mudar a minha relação com o trabalho: eu sempre pilho”. E então eu pontuo: “pai e filho, pilho?!” , ao que ele responde: “É isso! Eu sempre pilho: pai e filho, pilho! Não tem jeito! É o que eu tenho que me perguntar é o que fazer com isso...”.

Essa interpretação da posição de gozo, a partir do equívoco introduzido pelo significante *pilho*, trouxe desdobramentos e fez, em algumas semanas, a análise trazer à tona o objeto da fantasia no sujeito cristalizado no *olho do filho* do grande *pai*: ocorreu-lhe, no meio de uma sessão, a recordação súbita da reprodução de um *Sagrado Coração de Jesus*, da parede do corredor de sua casa de infância, cujo

1. Trabalho apresentado no XI Encontro Nacional da EPFCL, em Fortaleza, em 2010.

olhar sagrado, refletido no espelho de seu quarto, aterrorizava-o, e de onde ele tirava os imperativos de seus *sacro-ofícios* (sacrifícios).

Seguiu-se a isso um percurso de tentativas de dar sentido a esse lugar: uma nova relação na qual ele se descobriu agindo sempre como pai da namorada; um novo emprego (“*agora vou fazer diferente*”) em que quase morreu verdadeiramente de trabalhar, colocando-se diante do patrão numa posição que julgou feminina; reatou laços com o filho do primeiro casamento e se descobriu filho do próprio filho por ver que esse aprendeu a se virar sem o pai (coisa que ele mesmo dizia jamais ter conseguido); tornou-se provedor de parte da família e viu-se explorado no lugar do próprio pai falecido... Enfim, pela tagarelice, identificações foram caindo pelo caminho.

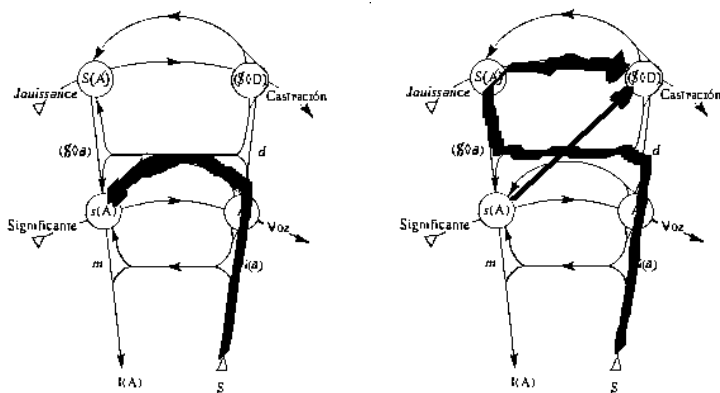
Algum tempo depois, numa sessão, ele trouxe o seguinte, referindo-se à religião como uma prática de dar sentidos à sua submissão: “sem nunca ter sido religioso, aqui eu sempre fui religioso, porque eu sustentava minha loucura buscando sempre um sentido para ela. Um sentido não dava certo, eu buscava outro; esse não dava certo, eu buscava outro. Agora, eu vejo que meu erro não era *não encontrar* o sentido certo. Meu erro era *ser religioso*. A minha loucura não tem sentido. E se não tem sentido, por que eu preciso dela? Se eu não preciso mais ser religioso, não preciso mais também da minha loucura. Vai ver que a minha loucura era justamente este ‘ser religioso’: minha mania de achar que preciso me sacrificar pelo Pai”. Aqui, veio um silêncio e hesitei quanto ao corte da sessão, pois apesar de ser um momento conclusivo, entendi que um corte aí poderia dar consistência justamente ao sentido que ele esvaziava. Segurei um pouco mais e ele seguiu: “E por falar em Pai, ‘*Fiat lux*’... Eu me orientava pela luz do outro. Mas essa luz sempre foi minha: eu é que colocava a luz no outro. Não tem luz nenhuma lá”. Cortei a sessão; aqui sim, provavelmente, na conclusão pela queda do sentido.

Depois dessa sessão, ele redescobre aos poucos o prazer da leitura e, admirador da arte, diz permitir-se levar adiante o que julga ser seu maior deleite, a experiência estética. Descobre ainda a satisfação que tem ao preparar suas aulas e, em relação ao dar aulas, comenta: “dar aulas não precisa ser um jogo de lugares – meus alunos não são meus filhos ou meu pai –, mas sinto ali uma estranha fruição... Engraçado dizer isto, mas se ali algo frui, é porque sou visto: tem ali um olhar que não é o olhar do meu pai, mas é um olhar... é só um olhar”.

Cai o olhar do pai, o olhar que se pretendia verdadeiro e universal. O olhar que fica, esse que *é só um olhar*, já não é universal, mas esse olhar, embora não verdadeiro e não universal, nem por isso é uma mentira se ele tem o real por medida. Em outros termos, pergunto-me se este olhar não se situa na *ex-sistência* em relação ao juízo da verdade.

Este caso me faz questionar, entre outras coisas, se um sintoma não é aquilo que uma análise pode levar do *morrer de trabalhar para*

o Outro ao fazer-se ver. O gozo parasita do *morrer de trabalhar* pôde, no *fazer-se ver*, articular-se não-todo à cadeia significante e entrar no laço sem precisar ser pela via do mais-gozar extraído por meio da fantasia obsessiva de servidão ao pai: do *morrer de trabalhar* enquanto sintoma (S1) que tenta, para capturar S2 (tornar a relação sexual possível), fazer a coalescência entre a falta de um significante para o lugar de filho [S (A)] e o olhar como objeto *a*, pôde-se chegar ao *fazer-se ver* como o incurável do sintoma que se descolou da fantasia (do gozo do sentido) e pôde ser gozado não-todo, isto é, sabendo-se não recobrir o JA com o gozo do sentido por meio do JΦ. Isto pode ser visto no grafo do desejo quando, com a queda da consistência do Outro, o circuito do grafo faz passar do sintoma [s(A): *morrer de trabalhar*] para a pulsão [∃&D: *uma estranha fruição*]: há, neste novo vetor, uma mudança de estatuto do sintoma?



Se coloco a pulsão articulada a um novo estatuto do sintoma, após a travessia da fantasia, é por entender que é a isso que Lacan aponta quando diz, no *Seminário 11*, que a travessia do plano da identificação reconduz a experiência do sujeito “ao plano onde se pode presentificar, da realidade do inconsciente, a pulsão”.² Ou seja, atravessado o plano das identificações, resta ainda o plano da pulsão. Estaria aí o irreduzível da identificação do *parlêtre*?

Não podemos, ainda, entender esta passagem do sintoma [s(A)] para a pulsão [∃&D] como passagem da petrificação do sujeito pelos significantes da demanda ao consentimento com a pulsão fixada no ponto *extimo* desse olhar *não-todo*?

Com o esvaziamento dos sentidos da posição de *filho* e com a queda do objeto, olhar onividente (que carrega de sentido o gozo do grande Pai³), entendo ter havido um descolamento do sintoma em relação à fantasia, isto é, um reviramento tórico pelo qual o olhar onividente do objeto de amor vira um traço da lei que faz um desejo

2. Lacan, *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1988, p. 259).

3. A Sandra Berta agradeço esta observação precisa.

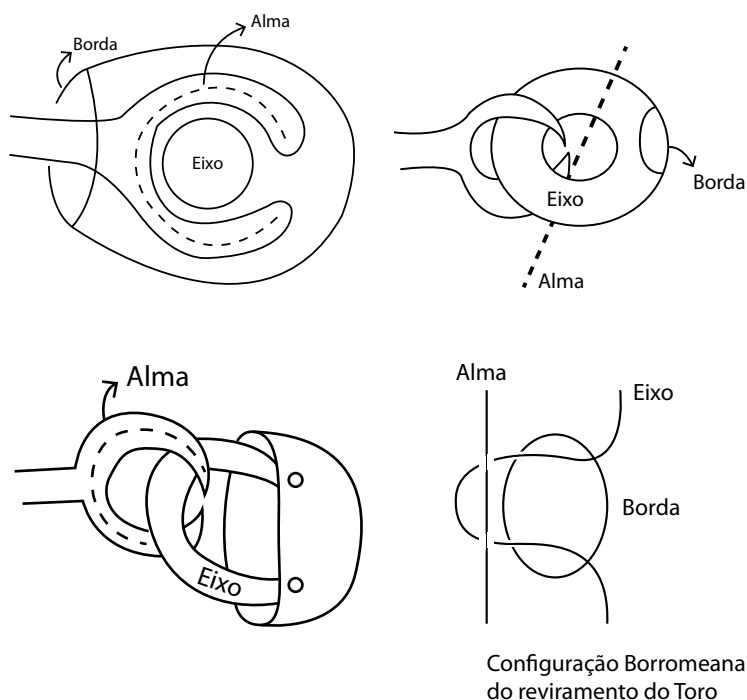
corresponder a uma causa. Na matemática, essa lei se escreve; se escreve com letras; e se chama função: $F(x)$.

Podemos lembrar, para sustentar a relação que proponho entre sintoma e pulsão, que em 1964 Lacan chegou a definir também a pulsão como aquilo que faz corresponder um desejo a uma causa, mas não como função, e sim como mito: “As pulsões são nossos mitos”, disse Freud. “Não se deve entender isso como uma remissão ao irreal. É o real que elas mitificam, comumente, mitos: aqui, aquilo que produz o desejo, reproduzindo nele a relação do sujeito com o objeto perdido.”⁴

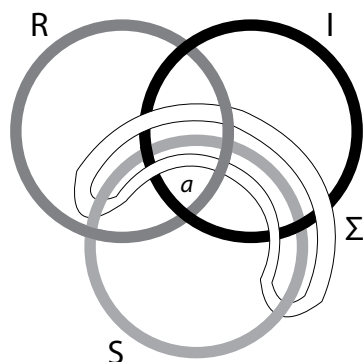
Com a queda da consistência do Outro, o sintoma passa de uma resposta da fantasia que visa sustentar esse Outro por meio do sacrifício, para uma pura função $F(x)$ em relação ao objeto a como causa, como o corte que produz a borda e transforma o sintoma em resposta do real (ou seja: uma pulsão). Entendo aqui o sintoma como resposta do real, como aquilo que faz pura função em relação à borda e que Lacan associou, em *Posição do inconsciente*, ao teorema de Stokes, como “um fluxo invariante ‘através’ de um circuito orifical, isto é, tal que a superfície inicial já não entra em consideração”.⁵ O que responde por esta função de fluxo é a pulsão. Assim, do furo real no toro (que não é o eixo!), para o qual a superfície já não conta, mas sim a propriedade borromeana que daí surge pelo reviramento do toro, se faz passar do furo falso do sintoma $[s(A)]$ para a pulsão $[\Xi \& D]$ como função de sintoma real.

4. Lacan, *Do “Trieb” de Freud e do desejo do psicanalista* (1964/1998, p. 865).

5. Lacan, *Posição do inconsciente* (1960/1998, p. 861).



Aí está: do sintoma ao sinthoma, temos topologicamente a passagem do eixo como furo falso da superfície sem furos do toro à propriedade borromeana que advém do furo real, para o qual a superfície já não conta mais: por isso, sustento que o sinthoma foi posto por Lacan como um quarto nó apenas para mostrar que sua função implica a propriedade borromeana, pela qual uma correspondência mínima une círculos que, em si mesmos, não passam de nós triviais (isto é, de círculos soltos). Se os círculos do nó borromeano encontram alguma correspondência, se há entre eles uma lei, isso não vem deles mesmos, mas da propriedade borromeana que, minimamente, escreve ali uma função de nó.



No campo do falatório, da tagarelice, o sintoma desse obsessivo não teve parada, continuou se deslocando nas falhas do sentido, na *insuficiência* radical do significante. Para que houvesse algo que julguei aproximar-se da identificação com o sintoma foi preciso que seu gozo encontrasse uma fixação que não fosse da ordem da repetição que negava o real do furo na medida em que tentava fazer a relação sexual ex-sistir por um ser pai-filho (pilho) que se repetia toricamente $[S1(S1(S1(S1 \rightarrow S2)))]$ na esperança de gerar superfície e se transformar no signo do amor ao Pai. Para que houvesse uma identificação com o sintoma foi preciso que seu gozo fosse além da petrificação que tentou fixar o corpo do Outro como signo do amor no olhar sagrado do Cristo visto no espelho do quarto $[\exists \rightarrow a]$. Para que fosse possível uma identificação com o sintoma foi preciso que seu gozo encontrasse uma fixação que funcionasse como ponto de basta, o que pressupõe a dimensão da referência que *toca o real* da inexistência da relação sexual (uma *Bedeutung*) e que, deste modo, por deixar cair o sentido (S2, queda do SsS), acaba logicamente valendo por si mesma (S1=S1): faço menção aqui ao que se pode extrair da tautológica formulação de que “tem ali um olhar que não é o olhar do meu pai, mas é um olhar... é só um olhar”. Além disso, se a finalidade última da pulsão é a satisfação, isto não se dá sem

6. Lacan, *O Seminário*, livro 23: *o sinthoma* (1975-76/2007, p. 18).

retorno à fonte, mesmo porque “as pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer”.⁶ *Que se diga*, portanto, não é sem o corpo, e mesmo sem retorno ao corpo. Há na pulsão algo de si a si, mas que não deixa de fazer laço, não deixa de buscar algo no campo do Outro. Não há na pulsão, neste *de si a si não sem Outro*, uma função de identidade? Cito Colette Soler:

Interrogo a pulsão, e lhe pergunto: quais são suas funções? Não se deve esquecer que Lacan sempre deu uma função subjetiva à pulsão, poderíamos seguir o fio em todos os textos, e é uma função de identidade. Não há somente o benefício erótico na pulsão, há um benefício de identidade.⁷

7. Soler, *Los ensamblajes del cuerpo* (2006, p. 41) [a tradução livre do espanhol para o português é minha].

É por essa razão que entendo haver *identidade* no *fazer-se ver* final, sob o qual não incide a consistência (a superfície) de um olhar universal, mas de um olhar que é só um olhar (objeto *a* como objeto evanescente). Talvez seja aqui também, no meu entender, que podemos interrogar o que é da ordem da letra, pois lembremos que à letra cabe a tautologia que estruturalmente não podemos atribuir ao significante.

Este *tocar o real* é o que revela a condição de metáfora do sintoma:

[...] não é à toa que, em uma corda, a metáfora advenha do que faz nó. O que tento é descobrir a que se refere essa metáfora. Se há uma corda vibrante de barrigas e de nós, é na medida em que nos referimos ao nó. Quero dizer que usamos a linguagem de um modo que vai mais longe do que o que é efetivamente dito. Sempre reduzimos o alcance da metáfora como tal. Ou seja, ela acaba reduzida a uma metonímia.⁸

8. *O Seminário*, livro 23: *o sinthoma*, *op.cit.*, p. 41.

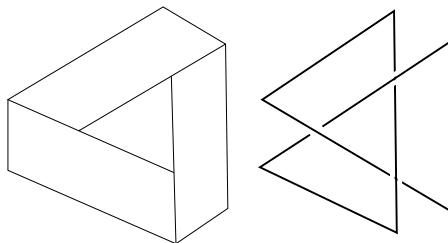
O sintoma simbólico não passa de metonímia: [S1(S1(S1(S1→S2)))]]. Só o sintoma real faz metáfora, porque deixa cair S2 e, então, pode fazer função, pode fazer um desejo corresponder a uma causa, pode escrever um gozo, pode fazer um nó: [S1=S1//S2].

É nesse sentido que sugiro pensar topologicamente o sintoma obsessivo do início do tratamento como uma banda tripla, ou seja, como tagarelice, como metonímia sem fim, porque dá voltas infinitas com a impotência que carrega para morder o próprio rabo ou para ter uma referência acerca de que lado da banda se está: nestas voltas, só se reencontra a insuficiência radical do significante. Se a *metáfora advém do que faz nó*, isso se dá na passagem da banda tripla para o nó de trevo (o que Lacan só vai concretizar topologicamente na última aula do *Seminário 25*, em 11 de abril de 1978).⁹ É no nó de trevo que localizo a topologia do *fazer-se ver*, como te-

9. Lacan, *O Seminário 25: O momento de concluir* (1977-78/ inédito).

citura pulsional do furo, à qual a análise conduz o sintoma inicial. Somente quando a superfície deixa de contar, quando a superfície calcada no sentido encontra o limite de sua condição de semblante e se revela uma verdade mentirosa, é que a propriedade borromeana pode se escrever: metáfora da estrutura.

Se o analisante pôde desenrolar o toro de sua verdade mentirosa, deparando-se sempre com uma volta não contada em cada “sentido que não dava certo”, foi para cingir um furo que se escreveu ao final como um nó, por um reviramento tórico, quando ele deixou cair o estofa da superfície ao se separar do que chamou de *ser religioso*. O que é isso que ele chamou de *ser religioso*, senão sua própria condição tórica vista de um outro lugar? O que restou aí não foi o verdadeiro como consistência, como medida, mas a verdade do real, como orientação para o inconsciente real. A diferença entre o verdadeiro e a verdade do real é que o primeiro é feito de superfície, de consistência, de sentido, enquanto que a verdade do real é feita da *geometria do fio*: enquanto um nó mínimo, um nó de trevo, ela não tem sentido algum, mas dá sentido (orientação) quando, ao passar por cima e por baixo de si mesma três vezes e voltar ao mesmo lugar, separa furos e, com eles, gozos (isto é, faz litoral). Para deixar cair a superfície do verdadeiro e fiar-se nos furos do real, é preciso trocar de medida: substituir o verdadeiro do sentido pelo sentido do real. Daí que o verdadeiro, no final, não pode mais coincidir com o real.



A dimensão topológica pela qual Lacan teoriza a estrutura do *par-lêtre* – dimensão esta que vai da teoria matemática dos grafos e redes, que Lacan utilizou já em 1956 (*O seminário sobre ‘a carta roubada’*), até as complexas relações entre toros e nós, em 1978 – revela sua preocupação de extrair a formalização da psicanálise dos limites de uma lógica proposicional sempre reduzida à ordem dos ditos. Pela topologia, Lacan busca mostrar o que é do dizer, visto que é só pelo dizer que os ditos se revelam em sua suplência. Mas o que é do dizer se extrai pela lógica temporal do *nachträglich*, e é a topologia, desde 1956, que permitiu a Lacan articular o tempo à estrutura. É pelo dizer que os ditos podem ser apreendidos como possíveis. É graças ao dizer que podemos conceber que “não há universal que não se reduza ao pos-

10. Lacan, *O aturdido* (1972/2003, p. 450).

sível”.¹⁰ Sem o dizer, o risco é de se tomar os ditos como necessários, como universais. É deste modo que entendo ser justificável que este esforço de teorização topológica de um caso clínico articule recursos de momentos tão distantes do ensino de Lacan: o que permite aqui a união dos mesmos é o inconsciente, que é topológico.

De volta ao caso, mais recentemente, uma sessão foi interrompida após a seguinte frase: “não sei por que nunca pude reconhecer isso, mas o fato é que eu posso ter *brilho*”: *filho, pilho, brilho*. Acerca deste significante *brilho*, menciono Lacan:

Conhecer quer dizer saber lidar com esse sintoma, saber desembaraçá-lo, saber manipulá-lo, saber – isso tem alguma coisa que corresponde ao que o homem faz com sua imagem – é imaginar a maneira pela qual a gente se vira com esse sintoma. Trata-se aqui, certamente, do narcisismo secundário; o narcisismo radical, o narcisismo que chamamos primário estando, nessa ocasião, excluído. Saber se virar com o seu sintoma está aí o fim da análise; é preciso reconhecer que é conciso.¹¹

11. LACAN, *O Seminário, livro 24: L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre* (1976-77/ inédito, p. 8).

Entendo que este *brilho* aparece nesta análise marcando o lugar do que Lacan¹² chamou de *escabelo*.

12. LACAN, *Joyce, o sintoma* (1975/2003).

Posso dizer, em resumo, que o sintoma do início, na forma do *morrer de trabalhar*, era um não saber que se gozava de um saber, enquanto o sintoma do fim, o *fazer-se ver*, é um saber gozar de um saber que não se sabe. Posso afirmar, assim, que houve uma mudança na posição desse sujeito diante do gozo.

Referências bibliográficas

- LACAN, J. (1960). Posição do inconsciente. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. (1964). Do “Trieb” de Freud e do desejo do psicanalista. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- LACAN, J. (1972). O aturdido. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp. 448-497.
- LACAN, Jacques. (1975). Joyce, o sintoma. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp. 560-566.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. (1975-76). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 24: L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*. (1976-77). Edição heReSIa (para circulação interna). Inédito.

- LACAN, J. *O Seminário 25: O momento de concluir*. (1977-78). Tradução de Jairo Gerbase. Inédito.
- SOLER, C. *Los ensamblajes del cuerpo*. Medellín: Asociacion Foro Del Campo Lacaniano de Medellín, 2006.

Resumo

A partir de fragmentos de um caso clínico, procuro tecer considerações topológicas da passagem de um *morrer de trabalhar para Outro* como sintoma obsessivo para um *fazer-se ver* entendido como um sintoma que se descolou da fantasia. A teorização do caso visa formalizar que, com a queda da consistência do Outro, o sintoma passa de uma resposta da fantasia que visa sustentar esse Outro por meio do sacrifício, para uma pura função $F(x)$ em relação ao objeto a como causa, como o corte que produz a borda e transforma o sintoma em resposta do real.

Palavras-chave

Topologia lacaniana, sinthoma, neurose obsessiva, direção da cura.

Abstract

Departing from the fragments of a clinical case, I try to post topological considerations about the change from a *dying of working for the Other*, as an obsessive symptom, to a *make oneself be seen*, understood as a symptom which detached itself from the fantasy. The theorization of the case intends to formalize that, with the fall of the Other's consistency, the symptom changes from an answer to the fantasy that intends to sustain the Other by means of sacrifice, to a pure function $F(x)$ in relation to the object a as cause: as the cut off which produces the margin and transforms the symptom in an answer to the real.

Keywords

Lacanian topology, *sinthome*, obsessional neurosis, direction of the cure.

Recebido

04/02/2011

Aprovado

10/03/2011